

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH)
Departamento de Ciências Sociais (DCSo)

Éder da Silva

727880. A história de um número

São Carlos - SP

2023

Éder da Silva

727880. A história de um número

Monografia apresentada ao Curso de Graduação
em Ciências Sociais da Universidade Federal de
São Carlos para a obtenção do Grau em Bacharel
em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa Dra. Catarina Morawska Vianna

São Carlos - SP

2023

Prólogo

Este trabalho de conclusão de curso assume uma forma raramente estimulada em trabalhos acadêmicos: a autobiografia. Inspirado por debates contemporâneos e antirracistas sobre a necessidade de se repensar o conhecimento acadêmico e fabular outras histórias, apresento a minha própria trajetória antes e durante o curso de ciências sociais da UFSCar. Em vez de me pautar por uma discussão teórica, parto do meu próprio corpo para refletir sobre como o racismo estrutural se faz sentir cotidianamente em violências institucionais de diversos tipos: na negação de benefícios advindos de políticas de permanência estudantil, na precarização e exploração do trabalho, em agressões vivenciadas na rua e em supermercados, nas muitas e constantes portas fechadas. Contra um conhecimento que tradicionalmente exclui corpos como os meus, produzo neste trabalho um movimento contra-colonial, que tem no corpo e na memória de alguém que nunca parou de andar a potência que o curso nunca pôde ter.

727880. A história de um número.

O que é, o que é?
Clara e salgada,
Cabe em um olho e pesa uma tonelada
Tem sabor de mar,
Pode ser discreta
Inquilina da dor,
Morada predileta
Na calada ela vem,
Refém da vingança,
Irmã do desespero,
Rival da esperança
Pode ser causada por vermes e mundanas
E o espinho da flor, cruel que você ama
Amante do drama,
Vem pra minha cama,
Por querer, sem me perguntar me fez sofrer
E eu que me julguei forte, e eu que me senti,
Serei um fraco quando outras delas vir
Se o barato é louco e o processo é lento,
No momento, deixa eu caminhar contra o vento
De que adianta eu ser durão e o coração ser vulnerável?
O vento não, ele é suave, mas é frio e implacável
(é quente) borrou a letra triste do poeta
(só) correu no rosto pardo do profeta
Verme sai da reta,

A lágrima de um homem vai cair,

Diz que homem não chora,

Tá bom, falou,

Não vai pra grupo irmão ai,

Jesus chorou!

(racionais mc's)

Chovia. A água não era suficiente para molhar, mas continuava como um lembrete constante do que acabara de acontecer e se repetiria em diversos momentos da minha vida. A aversão por dias chuvosos nunca me abandonou e enquanto chegava de uma porta de greve em Santos, realizada então pelo sindicato dos trabalhadores ao qual eu era vinculado, aos dezenove anos, me imaginando um revolucionário, mais uma vez, a água caía e tornava palpável a densidade dos acontecimentos que eu carregava. Infelizmente, nesse mesmo dia, os ideais morriam junto com minha necessidade de sobreviver. Levado por meus parcos sentimentos revolucionários, naquele momento, era então a representação do jovem que tenta mudar o mundo e esquece das coisas que acontecem dentro de si e ao redor do vínculo mais sensível que, particularmente, nunca fez sentido a mim. Naquele dia chovia, de forma contínua, com um frio que retornaria a minhas memórias muito tempo depois e alimentaria pesadelos de um vínculo que nunca se solidificou. Enquanto minha mãe me expulsava de casa mais uma vez, a noite parecia incrivelmente silenciosa, entre uma mochila, algumas trocas de roupa e a consequência de minhas decisões. Fazia frio, com a água regando meu caminho através da procura de abrigo na casa de sem saber o que fazer depois.

Minha mãe é uma mulher negra, com seu cinquenta e um anos, provavelmente sofreu mais em um trajeto de vida do que eu sofrerei durante toda minha estória. Lutou sozinha e conseguiu, através do Prouni, se formar no extinto curso de História da Faculdade Dom Bosco. Minhas casas passaram a ser, conforme fui crescendo, um recanto de livros de história, literatura, psicologia e afins... acompanhando, também, uma infância regada a memórias ruins. O dinheiro curto e a necessidade de mudar de vida fez com que ela prioriza-se, por muito tempo, objetivos em vez de amor.

Conseqüentemente, não raro, minha mãe era chamada nas escolas e questionada: como o filho de uma professora se dedicava tão pouco a estudar? Entre expulsões e mudanças necessárias, descobri que não era um aluno ruim, pelo menos não só isso... por infelicidade do destino, era uma criança terrivelmente inclinada às letras e pouco afeita aos números. Dez anos atrás, a régua que incentivava os melhores também pesava nas mãos do professorado como um carrasco para todo o resto. Assim, fugindo de matemática como o diabo corre da cruz, descobri a filosofia e, por sua vez, materializei o sonho de estudar na UFSCar.

Essa trajetória na universidade pública dificilmente poderia começar de outro modo se não reconhecendo as pessoas que me ajudaram a chegar até ali, então, antes de citar a UFSCar, preciso reconhecer a importância que participar de um cursinho popular teve na minha vida para direcionar minhas motivações entre passado, presente e futuro e o início dessa via sacra. Com o tempo, vivenciei as diferenças que o estudo poderia fazer na vida de uma pessoa, arrogância, egocentrismo e a perpétua necessidade de provar ao mundo seu valor são formas corrompidas de posicionar todo o arcabouço teórico a que hoje, também tenho acesso. Ainda assim, o diploma não é só um pedaço de papel para certificar ao mundo que tudo isso valeu a pena? Talvez. Porém, tal categoria de questionamento passou a fazer parte de uma parcela da vida minha tarde demais para voltar atrás. Quando, aos dezessete anos, morava sozinho porque minha mãe assumira seu cargo de professora de História em uma escola estadual, definitivamente não me era possível prever tudo que aconteceria. Mas perseguí o sonho e suas conseqüências e, como ela, viera morar onde era mais fácil estudar. Em Rio Claro, tive contato pela primeira vez com uma universidade pública. Através da Unesp, conheci pessoas que me acolheriam diversas vezes depois, assim como toquei o ensino na sua forma mais pura.

Naturalmente, as pessoas que ensinam em cursinho populares dependem de uma infinidade de coisas, incluindo motivações financeiras para continuar ali. Ainda assim, o interesse e a disposição quase afetiva de estar naquelas salas de aula representavam, também, uma construção positiva da ponte de possibilidades na minha vida e de dezenas de alunos. Nessa fase de cursinho popular, visões de mundo e experiências diferentes atravessadas por um mesmo caminho se direcionavam para a partilha de

conhecimentos como um bem maior. Para alguns, conhecimento científico, para outros, experiências empíricas. Motivado por uma união dos dois e, agora mais ciente da minha posição de classe trabalhadora, especialmente considerando minhas lembranças de chão de fábrica, me envolvi com o primeiro trabalho em um sindicato de trabalhadores.

Em meados de 2016, os ânimos políticos, embora exaltados, não eram tão caóticos quanto o que viera acontecer depois. Jovem, sonhador e estúpido, dividia meu tempo em ações do sindicato, estudo e cursinho a noite. Convertido em revolucionário, me esquecera de um fator básico – morava com minha mãe em uma kitnet de um cômodo e um quarto. Hoje me pergunto se, enquanto tentava salvar esse outro mundo, das pessoas que têm casa, família e comemoram seus natais felizes, não poderia ter feito mais pelo meu, das mães solteiras, sozinhas e perdidas... mulheres fortes que, para sobreviver, abriram mão de seus sorrisos para chorarem sozinhas à noite. Mas lá estava eu, de prontidão, em Santos, numa cidade que só visitei uma vez e poderia muito bem ter sido a última. Dez, talvez vinte minutos depois de chegarmos, estávamos no comboio nos organizando enquanto recebemos a notícia de que a polícia militar estava a caminho. No começo, apesar do sangue quente e adrenalina, um “companheiro” fora chamado a assumir a responsabilidade pelo que então era denominado “porta de fábrica”. Uma reivindicação plausível para condições melhores de trabalho daqueles que eram sindicalizados. No limite, um grande show da micropolítica partidária, angariando cabeças para a insuspeita revolução.

Enquanto saíamos, uma das jornalistas associadas me disse que um dos policiais estava vindo me abordar com a arma em punho, porém, retrocedeu quando ela apontou a câmera para ele. Em uma reflexão tardia, quem eu deveria ter sido naquela época? Mais um mártir no jornal de março para virar pauta de manifestação e me tornar uma lápide com endereço político? Com o tempo, fui me afastando depois de ter caído a ficha – a política pode laurear sua universalidade democrática, mas a violência com certeza tem seus preferidos, e naquela manhã, o que quer que pudesse acontecer, não teria valor diante o preço que eu teria pago. Um rebelde sem causa, com um alvo marcado no meio das costas, perdido em meio a uma multidão tentando dar significado a uma luta que não era minha, ainda muito jovem, teria pago o preço das incongruências políticas em forma de uma bala “perdida” com meu nome inscrito.

Uma mente turbulenta ofertava soluções turbulentas, no entanto, pude encontrar pessoas que também retinham dentro de si desespero, opiniões políticas e indagações similares com trajetórias diferentes encontrando-se na temática afro-centralizada, discurso e realidade se tocarem na mesma proporção, de modo que (autores) das africanidades passaram a dar sentido aquilo que era, aquilo que sou e aquilo que poderia ser. Passados meu primeiro ano em Rio Claro, a dispersão de energia resultou no óbvio; embora tenha prestado vestibular para as universidades federais e estaduais, não consegui um bom resultado em nenhuma. Críticas endossavam a minha falta de capacidade e empenho por si só não paga as contas de nenhum “filho do povo”. As necessidades de sobrevivência pressionavam meu tempo e tornavam cada vez mais turvos e pútridos os caminhos que poderia seguir. Com quase vinte anos, precisava me adaptar à selva, e rápido.

Em retrospectiva às coisas que aconteceram, vejo como tentei fugir, indo cada vez mais longe de cada medo que tinha. Virava finais de semanas dividindo meu tempo entre estudar e militar por essa dita causa justa. Um sistema de decisões afeitado pelo medo e embebido em sonhos de mudar o mundo. Precisava urgentemente saber o que fazer em seguida. Para onde deveria ir? Quem era ou quem estava tentando ser? Influenciado pelas pessoas ao meu redor, cada evento político era um refugio, afogando meus sentimentos em um alcoolismo ideológico. Bêbado pelas circunstâncias, a realidade me acusou como uma enxaqueca traumática e bateu com o peso de todas as falhas que não consegui lidar. Desde pequeno já tinha noção do que minha mãe passava, com uma inocência privada em tenra idade, achava que entendia o mundo e, com dez, talvez doze... ao ver o flerte com o suicídio que minha mãe apresentava, já mais velho, achava que ao passar por isso, teria capacidade de me manter em pé diante todo o resto. Um garoto-homem, sem saber o que fazer, só podia abraçá-la enquanto tremia como as paredes daquele barraco. Uma edícula mal feita resguardava anos da faculdade dela, um filho pequeno para criar sozinha e todo o desespero de ter dado tudo errado. Pessoas negras frequentemente se apoiam em suas carreiras como um baluarte para os tempos difíceis porque, também frequentemente, essa se mostra uma resposta plausível e concreta de todas as barreiras que foram vencidas. Uma família desestruturada desde a

geração dos meus bisavôs faz com que a única alternativa seja caminhar para frente, ainda assim...

A casa em que morávamos em Birigui tinha a mesma estrutura que nossas vidas e, naquele dia, tudo queimou violentamente. Sabia que minha mãe estava esperando o resultado de um concurso público e como aquilo era, possivelmente, nossa única tábua de salvação, porém, entre as humilhações que passava trabalhando em uma fábrica de sapatos, não posso julgar a escolha que fez. Em um final de tarde qualquer, enquanto voltava da escola, consegui avistar de longe uma fogueira. Cinzas se acumulavam e eu já ciente da parca capacidade que minha mãe tinha de se controlar, pensava no pior que poderia ter acontecido enquanto corria com medo para chegar em casa. Você já perdeu algo? Algo profundamente importante. Algo que você não sabia da importância e de como aquilo te afetaria, quase como um membro do seu corpo que te obriga a se adaptar mesmo depois que ele não está mais ali. Não entendia o que estava acontecendo, era pequeno demais para ter discernimento mas vi quanto tempo minha mãe passou acumulando aqueles livros, quantas dificuldades passamos e que tipo de dor aquela mulher com seus trinta anos e um metro e cinquenta precisou aguentar para chegar um dia e colocar fogo naquilo que passou meia década acumulando. Gavetas, armários e pilhas e pilhas de textos queimavam vigorosamente, consumindo pedagogia, história, psicologia e tantos outros... autores e autoras ganhavam cor, brilho e quase sentiam enquanto eram lançados naquela fogueira. Observavam de longe aquela mulher... estavam olhando uma diarista que, através do Prouni, pode estudar por anos e correr atrás do seu segundo sonho, já que o primeiro era caro demais. Direito, era o que minha mãe sempre quis, passou uma vida me dizendo que sonhava em defender as pessoas, mas naquela tarde não conseguiu defender a si mesma e apesar de ter vencido, apesar de ter rompido a barreira, seus sonhos queimavam junto com o brilho opaco de seus olhos. Às vezes, não existe linha de chegada e a poesia daquele momento se perdia na desesperança de nós dois. Mesmo conseguindo assumir o concurso alguns anos depois, quando minha mãe me deixou morando sozinho, sei que não foram só os livros que pegaram fogo aquele dia. A casca que Silmara se tornou depois de tudo aquilo é algo que nada veio a preencher depois. O conhecimento queimava como bruxas na nossa própria inquisição, cremendo como um ritual fúnebre a capacidade de voltarmos a ser as

mesmas pessoas. Silmara nunca mais foi a mesma, assim como algumas cicatrizes nos acompanham até o fim da vida.

Em meio a tudo que acontecia, tinha noção de que o abandono fazia parte de nossas vidas e não importa como ou quem com tentássemos nos agarrar, a realidade demonstrava uma dura capacidade de derrubar até mesmo o resquício de forças que cada um de nós poderia ter. Enquanto estudava desesperadamente para encontrar uma alternativa à minha vida e pensava na educação como uma fonte de renda, me via comparativamente mais lento com meus pares, ainda que tenha descoberto uma capacidade discursiva propriamente adequada às necessidades de sobreviver. Quando minha mãe me deixou para fora de casa vi que a última estrutura e fortaleza de cunho social tinha caído. Tipicamente, família e religião assumem papéis na vida de cada indivíduo na mesma proporção em que este se orienta em seus respectivos ordenamentos sociais. Carecendo de parâmetros próprios, o sujeito vai em busca de orientações para (re) definir suas condições no mundo e, naquele momento, eu só tinha uma alternativa.

Quando cheguei na moradia da Unesp de Rio Claro, não existia portaria, ou seguranças para cumprir a função de impedimento e cerceamento da liberdade individual. A entrada, por si só, era livre, como um espaço público deveria ser. Não que esse posicionamento tenha sido tomado sem tensões por parte dos moradores e instituição, em cada momento ou oportunidade que apresentassem problemas, essa liberdade era colocada em xeque. O lugar era dividido em aproximadamente 12 casas que poderiam variar em suas respectivas organizações, tanto física quanto ideologicamente. A então famosa casa cinco, conhecida por ser a mais movimentada em quantidade de pessoas e também a mais desequilibrada, foi o primeiro lugar que procurei ao sair de casa. Lá residiam grande quantidade do corpo de professores do antigo cursinho Athos – este que era uma alternativa para os estudantes da instituição auferirem bolsas para além daquelas de subsistência básica, como moradia e alimentação. Paulatinamente, as bolsas e o incentivo ao próprio cursinho foram diminuindo com o tempo. Perdido no meio de tudo que estava acontecendo, os professores de outrora se sensibilizaram com minha situação e, sem muitas perguntas, pude ter um local para dormir. Com o tempo, vi que reuniões aconteceriam para decidir

o que poderia ser feito como e como causalidades como essa viriam acometer pessoas próximas da mesma condição. Para pessoas que vieram do mesmo lugar, nas mesmas condições, eu era só alguém um passo anterior a suas próprias histórias de vida. Em uma época onde a entrada na universidade pública representava, muitas vezes, o primeiro ingresso de alguém no seio familiar na categoria de pessoas do ensino superior, muitos, especialmente os mais velhos, consideravam aquele tipo de sofrimento para romper a barreira particularmente próximo. Mas até mesmo isso, até mesmo em um local onde mais ou menos todos passaram pelos mesmos crivos, nada foi feito sem algum grau de tensão ou mesmo violência.

Para conseguir manter o meu local na moradia, duas mais reuniões foram realizadas com o corpo estudantil e representantes do local. Precisava explicar minha história, dizer quem eu era, de onde vinha e o que pretendia fazer ali. Já não era mais uma brincadeira porque, a partir daquele momento, todos estavam assumindo riscos e, alguns, até mesmo colocando sua própria vaga de estudante em suspenso para subsidiar uma causa, um teto para morar e um prato de comida. Sem casa, sem família, sem ninguém e sem respostas, aquelas pessoas me abraçaram como uma luz atrai um vagalume. Perigosamente, insuspeita de suas capacidades, a luz só está ali para se manter enquanto um prosseguimento de histórias de lutas e dificuldades para existir. Já os vagalumes, enquanto vagam pelas suas noites escuras e adentram cada vez mais a floresta, resistem enquanto mantêm sua vitalidade nas intempéries de tempo e espaço.

Naquela época, a moradia foi minha luz, e na ilegalidade, confraternizamos entre bebidas e fogueiras, nossas próprias vitórias de semestres vencidos como trincheiras. Na guerra que acontecia dentro de cada um, livros se tornaram minhas armas e a dúvida perpétua do que fazer a seguir perseguia cada decisão que eu poderia tomar... Com o tempo, fui me tornando aguerrido e inconsequente e ao passo que, já conhecedor das tensões e manipulações da natureza do próprio espaço, fui chamado a defender pessoas na mesma condição que eu um dia me encontrara. Para que não existissem margem de dúvidas, eu não podia errar. Não era mais uma questão de apresentar resultados, mas de quanto tempo poderia me manter ali e do que viria a acontecer depois que saísse. Minha responsabilidade era para com os meus e para com quem viesse depois, porque não podia fechar essa porta caso alguém precisasse. Deveria passar incólume por tudo

aquilo e, final de semana após final de semana, fui inquestionavelmente determinado a ir além. A zona de conforto só poderia ofertar alguma possibilidade aos outros, a mim, aquilo era tudo que eu tinha.

Já no final do ano, com a noção mais realista das minhas capacidades, pretendia prestar o Enem e, com isso, me libertar de tudo aquilo. Qualquer pessoa que já tenha lutado por algo sabe que toda guerra, independente de qual lado alcance a vitória, deixa marcas indeléveis. Estava cansado dos meus próprios pesadelos. Monstros aterrorizavam meus dias como perguntas em direção ao que eu faria se não conseguisse passar no vestibular. Já não tinha nem sequer mais local para fugir e, mesmo que tenha feito a prova com meu psicológico carcomido pelas circunstâncias, consegui minimamente a nota suficiente para me colocar dentro da universidade. Escolhi filosofia na UFSCar porque sempre ouvia minha mãe falando daquele local. Era relativamente perto de Rio Claro então, no pior dos casos, não sofreria tanto. Ironicamente consegui passar em mais de uma universidade no mesmo curso. Um tempo depois, através de colegas, soube que a UFSCar teve uma ação de reintegração de posse na moradia. Ouvi dizer que, por causa de abrigarem pessoas que não condiziam a condição de estudantes da instituição, a polícia militar precisou invadir o local e tirar alguns a força, enquanto outros foram fichados. Ironicamente, eu havia ficado lá para fazer o vestibular com a ajuda das pessoas do cursinho. A burocracia é um braço estendido da violência do estado que priva o indivíduo de estender sua liberdade para tudo além daquilo que não conhece. Os meios legais assumem aquilo que cada baluarte da moralidade materializado em uma assistente social, professor, diretor ou segurança privado se propõem a dignificar como certo. Então estávamos lá...

A mãe do Zé tinha morrido no semestre anterior com, talvez, quatro meses de distância daquele momento. Era a única pessoa da família que ainda se importava com ele e eu entendia aquele sentimento de estar sozinho no mundo. Havíamos passado algumas noites sentados, fumando e bebendo enquanto a tempestade pessoal de cada um passava. Entre as coisas que ela havia deixado foi um carro, um Peugeot 306, que me ajudou a chegar em São Carlos. Três de nós nos dirigíamos ao que já renunciava mais uma tarde infeliz. Quando entreguei minha documentação à universidade, uma das informações não parecia bater. Trabalhando de bico aos finais de semana de bartender,

fui questionado como alguém conseguiria sobreviver com, no máximo, duzentos ou trezentos reais de renda mensais. Para a assistente social era inconcebível, uma violência aos ditames e padronizações. Precisei voltar a falar com a Silmara para apresentar um documento que provasse a não dependência dela. Duas testemunhas se encontravam ali para validar meu lado da história e, por uma margem interpretativa, ela quase não validou minha documentação. As teias do destino são profundas e, por ironia, nossos caminhos voltariam a se cruzar dois anos depois. Ela, fiel a seu papel, conseguiu o que queria depois de ter falhado a primeira vez.

Nunca tinha pisado em São Carlos, mas um irmão de um amigo da moradia era estudante de pedagogia. Mais um amigo de um amigo que pode acolher minha situação enquanto esperava o resultado dos documentos. O então conhecido “Márcio folha” me apresentou a capoeira enquanto socializávamos ainda em Rio Claro. Morávamos todos juntos e criamos nosso pequeno quilombo. Mulheres e homens, negros e negras, respirávamos o mesmo ar em direção a sonhos e dias melhores. Rap, jazz, blues e Tarantino. Nossos dias eram regados a discussões que edificaram muitos projetos de resistência, o que veio a se tornar, posteriormente, o coletivo “Mãe África”, realizando ações, primeiro no cursinho e depois, quando amigos conseguiriam se tornar professores ao efetivarem suas vagas nos respectivos concursos públicos, passamos a utilizar as portas de escolas municipais e estaduais para divulgar autores e ideias afrocentradas. Sementes foram plantadas e eu fui colher as frutas disso em São Carlos. Machucado de tudo que acontecera, entendia que era raiz mas precisava das minhas próprias respostas para além das teorias. Assim que cheguei em São Carlos, uma delas apareceu e me custou caro o suficiente para um tipo de desilusão que só o movimento estudantil proporciona. Targino era o reitor em questão e descobri que aquele simpático senhor de idade que sentou em frente ao seu escritório na escada da reitoria, comparado com o que viria a acontecer depois, era quase um anjo da diplomacia. Sem polícia no campus, quantidades abusivas de câmeras e um sentimento de se tornar refém da própria instituição, me questiono se tínhamos de fato noção de como exercíamos nossa liberdade. Ao ocupar por um período de alguns dias a reitoria, estávamos buscando melhores condições para a moradia, uma causa justa com consequências dramáticas. Vinte ou trinta pessoas daquele grupo, tanto acabavam de chegar à universidade quanto

queriam as mesmas coisas. Andando para o mesmo objetivo fica mais fácil conquistar algo, porém, subitamente, vinte ou trinta vagas, de indivíduos de cursos diferentes foram perdidas da mesma forma, na mesma análise social. A única coisa em comum era a assombrosa coincidência de que grande maioria fazia parte da moradia. Reféns da banalização, tiveram suas vagas retiradas, portanto, sua condição de aluno antes mesmo de concluir a entrega de toda documentação, transformando o ato da inscrição em um processo traumático, vez que, muitos nunca voltaram. A burocracia tinha feito as primeiras vítimas da minha história.

A injustiça de toda a situação quando um grupo relativamente grande perdeu sua vaga na UFSCar proporcionou uma verdade cruel aqueles que observaram tudo de perto – você só pode afrontar algo se tiver condições de encarar as consequências. Aos que procuraram advogados, a ilegalidade de tudo que acontecia estava dada, orientados a procurar um processo coletivo, muitos levantaram as mãos, poucos estavam no final. Eu já estava lutando por dois, três anos e, novamente, sem nada, sem ninguém, não tinha para onde correr. Aproximadamente, de São Carlos a Rio Claro existe sessenta ou setenta quilômetros dos quais fiz pelo menos metade a pé. Estava frustrado com tudo, estava inconformado com a vida. O quanto eu havia tentado proteger os outros ao mesmo tempo em que não me protegia. Para onde eu iria? Por que ou por quem? Com uma mala, o tempo fechava em cada passo que dava e enquanto rezava para as coisas não piorarem ainda mais, caminhava. Cada passo meu pesava com todas as dores de décadas de tentativas e erros. Minhas roupas estavam naquele pedaço insignificante de existência e aquela fagulha de todos os sonhos que eu havia tido até aquele momento morria aos poucos. Conforme o tempo passava, o sol se escondia naquele dia infernal e sem saber que horas eram, eu só seguia em frente. De longe ouvia trovões ribombarem, carros passando e buzinas. Já não sabia quem eu era, mas o mundo das ideias não me acolheu. A cicuta era agora uma compreensão tácita entre o sofrimento de todos os pensadores, indignos de reconhecimento que sofreram por suas lutas. Lá estava eu. Caminhando. Sangrando. Chorando. Perdido numa realidade que não era minha. Minha realidade era a de estudante, universitário, vencedor da linha de chegada dessa luta injusta que seleciona os aptos a estarem dentro da universidade, mas para além disso a

se manterem lá. Questionado de todas minhas faculdades, só me restava continuar caminhando.

Quando cheguei na casa da minha mãe, passei três dias deitado. Qualquer coisa que eu tivesse feito, qualquer limite que havia sido imposto ao meu corpo e minha consciência, havia ultrapassado. Não sabia naquele momento, mas a dor era minha resposta. A dor de levar quem quer que você seja ao extremo era o único tipo de sensibilidade e conforto que consegui encontrar em tudo que aconteceu naquela época e em tudo que acontece até hoje. O significado de ter todas as partes do seu corpo redefinidas pela maior ou menor intensidade, latejando enquanto implora por um fio de consciência a parar foi algo que fortaleceu quem eu viria a me tornar um tempo depois. E, no meio a dor de tudo aquilo, descobri que ainda não sabia o bastante... mas aquele era o começo. Nesse momento, minha mãe morava com quem viera a ser meu padrasto por dois ou três meses até ser expulso de casa de novo. Ela trabalhava em uma escola, tinha uma casa mais confortável e mobiliada, exercia seu papel de professora de forma meritória. Ele trabalhava em uma transportadora de farinha de trigo. Independente se já tinha rompido com a barreira do vestibular, uma vez que tivesse voltado a casa da minha mãe, precisava fazer algo. Um amigo havia me fornecido a senha de uma plataforma virtual de estudos que havia pago em uma promoção por bons anos de utilização. Gentilmente, graças a isso, consegui voltar a universidade, mas até lá... na casa da minha mãe, precisava trabalhar e só tinha a transportadora como opção imediata. Na vida de quem é pobre, todas as opções são imediatas porque a fome não espera o amanhã.

Às vezes, saíamos às quatro, três horas da manhã de Rio Claro em direção a padarias, mercados e afins. Normalmente levando entre trinta a quarenta sacos de farinha de trigo, cada um pesando vinte e cinco quilos. Um motorista e dois ajudantes desbravavam estradas de toda região, com hora para sair, sem hora para voltar. Novamente, a dor redefiniu a pessoa que eu era. Carregávamos os sacos em cima da cabeça, para não atrasar a entrega, cada um dos ajudantes colocava quatro a seis sacos, dos quais equilibrávamos em direção ao depósito dos estabelecimentos. Exigia uma certa técnica para jogar os sacos porque, na pior das hipóteses, eles poderiam tombar para o lado e desequilibrar tanto a pessoa que carregava quanto o que levava em cima da

cabeça com o auxílio só das mãos, afinal de contas, retirar o saco do caminhão, com o auxílio do motorista que ficava ajudando era profundamente diferente de equilibrar todos eles do chão. Um mês naquele trabalho e eu havia redefinido minha concepção de sofrimento de forma radical. Com a distância de andar do caminhão até cada depósito, meus dias se passavam em uma contagem indiscernível. Tentava estudar para entrar na universidade de novo e, depois de trabalhar seis, oito horas dessa forma e, não sendo mais o aluno que eu fui um dia, aquela realidade era tudo que me restava. Na iminente falta de perspectiva, a não escolha era todas as escolhas que eu tinha, o ouro do tolo. Às vezes, muito pouco basta para nos iludir... às vezes, um prato de comida e um lugar para dormir já cumprem essa função, mas nem isso conseguia ter. Não lembro qual fora o motivo ao certo, mas depois de outro dia qualquer, chegava em casa e iria, mais uma vez, passar por aquele mesmo drama. Talvez minha mãe tenha dito que não suportava mais morar comigo, seja porque estava velho, seja porque já não era mais a mesma pessoa. Como alguém que tem um amante, depois que se trai uma vez, todas as justificativas são plausíveis. O hábito levava a nós dois pelo mesmo caminho. No dia seguinte, havia ligado para meus amigos, em algumas horas tiramos tudo que era meu da casa dela, algumas roupas, alguns livros e alguns sentimentos. Quando voltou do trabalho, já não estava mais lá. Esse modus operandi da catástrofe familiar temperado pelos dramas afetivos viria a se repetir mais uma vez. A última vez... no pior momento.

Na república palmares, residindo em Rio Claro, tudo pelo que lutamos no cursinho de certo modo tinha se consolidado. Meus amigos me abrigaram mais uma vez, já acostumados a esse viralatismo da minha vida. Não tinha orgulho de tudo que acontecia, mas pelo menos já tinha tido experiência o bastante para não me abalar mais com aquilo. Poderia e, de fato já estava demasiadamente cansado, mas só tinha o caminho da frente para seguir. Lá conheci o “Folha”, mestre de capoeira angola que veio a me indicar o mestre “Gibi”, residente então de São Carlos naquele momento, membro do grupo de capoeira “Alumbe”. Inserido entre negativas e rabos de arraia, o mundo deu muitas voltas, caí muitas vezes e na capoeira tive um contato aproximado com o mundo de cabeça para baixo. Entre tantos toques de berimbau, cantigas e energia, algo fez sentido, mas não agora. Certa vez, já conhecendo um pouco o que tinha acontecido, “Folha” me indicou um terreiro para frequentar. Tantos anos depois a

memória ainda não me abandona. Esqueci o local, o dia em que fui e quem estava lá, mas nunca esqueci uma frase: “seus caminhos estão abertos, você vai conseguir, mas vai sofrer para chegar lá”. Em diversas situações da minha vida, achei que tinha atingido o limite desse sofrimento, hoje, cada vez que penso no assunto, tenho medo de cogitar essa linha. Depois de todas as lutas que tinha tido, seja na moradia, seja no pouco tempo que frequentei a universidade no curso de filosofia, já estava cansado como um velho carcomido por anos de enxada. Toda minha lavoura estava seca como o sertão. Frutas não cresciam mais naquela terra de dor e sofrimento, mas aguardava a chuva de bonança e tempos melhores. Ela nunca veio, então me tornei tão inosso quanto tudo que tinha acontecido comigo. Ao prestar o vestibular pela segunda vez, tinha duas certezas: não abraçaria o mundo das ideias nem fugiria do mundo das realidades. O melhor que poderia fazer dali em diante era cuidar da minha própria pessoa, respeitando minha história e localização no mundo. Quem quer que tivesse a capacidade de me cobrar algo precisaria ter, por equivalente, sofrimento igual ou pior. A arrogância, como uma cobra, era traiçoeira, mansamente tomava meus pensamentos com a renovada ilusão de paz e tranquilidade. Talvez, por não precisar passar pelo mesmo constrangimento ao entregar meus documentos quando fui assumir minha vaga em ciências sociais na UFSCar, tenha esquecido que tudo poderia ser tirado com a mesma facilidade que foi dado. E assim foi.

Nego drama

Entre o sucesso e a lama

Dinheiro, problemas, inveja, luxo, fama

Nego drama

Cabelo crespo e a pele escura

A ferida, a chaga, à procura da cura

Nego drama

Tenta ver e não vê nada

A não ser uma estrela

Longe, meio ofuscada

Sente o drama

O preço, a cobrança

No amor, no ódio, a insana vingança
Nego drama
Eu sei quem trama e quem tá comigo
O trauma que eu carrego
Pra não ser mais um preto fodido
O drama da cadeia e favela
Tumulo, sangue, sirene, choros e velas
Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia
Que sobrevivem em meio às honras e covardias
Periferias, vielas, cortiços
Você deve tá pensando
O que você tem a ver com isso?
Desde o início, por ouro e prata
Olha quem morre, então
Veja você quem mata
Recebe o mérito, a farda que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural
Histórias, registros e escritos
Não é conto nem fábula, lenda ou mito
Não foi sempre dito que preto não tem vez?
Então olha o castelo e não
Foi você quem fez, cuzão
(racionais mc's, 2002)

No primeiro ano da universidade, mal entendia o que estava fazendo ali. A inocência de mudar o mundo a muito deixara de me pertencer, especialmente se colocada nas mãos de outras pessoas. A primeira coisa que percebi enquanto tentava estudar era que não sabia estudar. Todo aquele tempo na escola me preparou para saber apanhar de pessoas, dizer “senhor” aos policiais em uma abordagem e não questionar meus professores sob risco das minhas notas piorarem. Tudo bem, ali era o local do livre pensamento, mas Grada Kilomba e Malcom X não são necessariamente um dos autores mais lidos. Negritude não é bem a palavra do dia. Salvo os trezentos e cinquenta e nove diferentes do tal dia da consciência, onde a festa cheira a um questionável posicionamento. Tudo muito lindo, mas tinha mais assunto com os funcionários da

limpeza do que com meus colegas de quarto. A moradia da UFSCar não era composta por doze casas, mas por grandes prédios murados com segurança rotativa. A defesa da propriedade privada era uma abundância dos guardas e de cada um que tinha um armário ali dentro. Dividir despesas era o tipo de coisa que passava tão longe daquele pessoal que nem parece se tratar das mesmas pessoas. Onde deveria residir pessoas pobres, da mesma classe social, lutando por uma causa ou pelo menos sensível o suficiente para entendê-la, residiam futuras elites sociais, engendrados em seus cursos e alienados de todos os acontecimentos ao redor. A sensação de que não pertencia àquele local me batia como chibatadas. Seja através de notas e comentários amigáveis sobre a minha incapacidade de acompanhar aquela instituição, com o tempo, realmente fica difícil discordar. Eles tinham razão, não pertencia àquele local, nem àquelas pessoas, ideias ou circunstâncias. Mas sabia onde pertencia. Uma das primeiras coisas que fiz quando cheguei em São Carlos foi procurar o grupo de capoeira, na época, residindo no Jardim Zavaglia, periferia distante da cidade.

Depois da linha de trem, o cheiro daquele mundo me dava vitalidade. As ruas esburacadas, quando muito, tendo asfalto, era algo que conhecia muito bem. Depois da curva acentuada e sem acostamento, encontrava-se o local que conheci a vida inteira. Sabotagem estava certo quando argumentava sobre todas as periferias serem iguais. Minha cor, meus sons. Crianças brigando e pessoas voltando do trabalho no ônibus das seis horas. Carros fiscalizados por todas as rezas e santos possíveis adornavam pessoas que tinham minhas características, e lá eu sorria. Entre provas e problemas, os tempos mais felizes da minha vida na universidade foram longe dela. As pessoas não entendiam a diferença entre dormitório e moradia, assim como não iria tentar demonstrar para elas. No meu primeiro ano, só a capoeira conectou as pontas soltas da minha sanidade. Com o tempo, fui me qualificando e passamos a frequentar diversas rodas. O padrinho do grupo, mestre “Divino” me deu um apelido que nunca pegou, “andarilho”. Divino ou profeta, qualquer que seja a diferença, nunca parei de andar. Se isso é bom, se isso é ruim, nunca soube, talvez algum dia possa ter uma resposta. Conforme frequentava as rodas de capoeira de São Carlos, passava vestido de branco pelas ruas. Nunca consegui manter minhas vestimentas intactas no final delas, como bons jogadores, mas pertenci o máximo que consegui àquele espaço. Demorava mais ou menos uma hora e meia para

sair da moradia da universidade e chegar até a escola que treinávamos. Naquela quadra, formei metade da pessoa que sou hoje, apoiado por cantigas sobre lutas e resistências. Certa vez, enquanto voltava de uma roda do “Sankofa”, grupo de capoeira regional, residindo na USP, ouvi algumas pessoas passarem em um carro e gritarem: Olha o macumbeiro! Minhas roupas, tinindo em sua brancura, às vezes eram manchadas por mais sujeira do que as das praças da rua. Se você é derrubado em uma roda, faz a volta ao mundo e volta a gingar. A ideia é dar continuidade ao jogo, com leveza e um sorriso no rosto, então caminhava. Dia após dia, mês após mês, mas similar ao que acontecerá enquanto prestava vestibular, lá estava eu, tentando de novo dar significado ao que acontecia.

No segundo semestre da faculdade, já tinha carregado uma reprova sem nem entender o que estava acontecendo, ainda assim, tentei me esforçar para evitar coisas piores. Mas naquela véspera de natal, novamente, eu era um garoto homem. O problema do esforço, por si só, não é o gasto de energia, vitalidade, empenho e esperança ao se prostrar diante o objeto de suas motivações. O problema do esforço é contemplar de forma realista qual vai ser o próximo movimento quando dá errado. Enquanto arrumava a mesa, estava aproveitando um dos poucos momentos de paz com minha mãe. Ela já estava morando sozinha, tinha se separado e mantínhamos contato por e-mail às vezes. Cada um tentava forçadamente fingir que nada de ruim tinha acontecido. Cada um tinha parâmetros diferentes para definir o que era ruim, apesar de tudo, ela entendeu algo naquele dia. Um pouco antes da minha mãe colocar a mesa, resolvi abrir o sistema e ver minhas notas. Tinha me esforçado muito para passar em uma disciplina, tinha feito a prova feliz por todo o empenho que havia dado e achei, não que minhas horas mal dormidas teriam uma recompensa, mas pelo menos que não cairia em um buraco tão fundo.

Meu peito retumbava como tambores de angola, havia reprovado por meio ponto. Fechei a plataforma de notas e tentei, de forma angustiante, continuar a refeição. Ouvia distante minha mãe perguntando se estava bem, se tinha acontecido alguma coisa. Não sabia responder para ela. Tentava respirar, não sabia o que dizer para ela. Puxava todo o ar que conseguia enquanto minhas lágrimas caíam. Arfava com força. Não conseguia respirar. Não conseguia abrir a boca, não conseguia pensar, não

conseguia parar de tremer. Não sabia o que estava acontecendo para sentir tanta dor no peito. Por um momento, minha mãe me abraçou na mesa da cozinha. Demorei alguns minutos para voltar a entender o que estava acontecendo. Minha resposta a tudo isso era que nada tinha acontecido. Era tão importante aquela instituição quanto um número de identificação na carteirinha - 727880. Mal tinha nome, pessoas que se lembrariam da minha história se fosse para frente ou para trás. Ninguém choraria minhas dores ou comemoraria minhas vitórias. Não importava para a instituição, talvez como massa de manobra política, cartaz de sucesso e redenção. Nessa história, era um personagem secundário no teatro das circunstâncias da vida. De novo. Não importa quantos autores já lera, não estava preparado para aquilo. Alguns já haviam sofrido demais, outros já haviam sofrido de menos, independente dos primeiros e comparativamente aos segundos, era um fantoche tentando atuar e acabava de colher um desempenho sem méritos nesse papel de estudante. Mas era só o primeiro ano, e o mundo precisava fazer mais algumas voltas.

Agora um “veterano”, a disparidade entre a pessoa que tinha chegado na universidade e a pessoa que havia me tornado até aquele momento era palpável. O conhecimento pesava na minha consciência e o cheiro de conforto começava a me fazer ter ilusões. Estava tranquilo, com uma rotina estabelecida, tentando me preocupar com aquilo que importava enquanto o ritmo da minha vida começava a ganhar corpo. Estudava, me envolvia minimamente com questões políticas enquanto cantigas de capoeira davam o tom das minhas necessidades. Não assumia tantas matérias, então tinha tempo para viver a vida como uma pessoa normal. Todo esse ar de dias felizes só tornou a dor de perder tudo de novo ainda pior. Já havia, com muito pouco, esquecido como chegara ali. Algumas coisas são curiosas, como cheiro de pólvora, textura de sangue ou membros quebrados. No fundo da memória, essas mesmas coisas voltam para realocar nossa história. Quando meu tio foi preso, ao visitá-lo na cadeia, percebi que, entre tantos indivíduos, ali se encontrava uma sombra da pessoa que conheci um dia. Meu tio era um número na contagem. Quando meu avô foi procurado pela polícia, ainda criança, tive a infelicidade de manter aquela cena na memória. Entreguei nas mãos velhas e sofridas daquele homem negro, que havia trabalhado de padeiro uma vida inteira, tudo que eu tinha de importante naquele momento. Tampinhas de garrafa foram

as únicas coisas que meu avô levou. Depois daquele dia, nunca mais vi ou tive notícias dele. Meu avô tinha passado de um número, referência ao código penal na delegacia, para um número no obituário. Só alguns anos atrás minha mãe me contou, morrera sozinho, cego de um olho e longe da sua família, com medo, como todos nós. Mais um número sem significado, enterrado em uma vala sem nome na Bahia. Em algum momento dessa trajetória, percebi que ser um número definia tudo que minha família conseguiu ser por muito, muito tempo. Assim acabaram meus dias tranquilos, na transição de um número na lista de bolsistas candidato a perde-la. A diferenciação em que era pressuposto quando você alavanca sua posição social a partir da denominação de universitário sempre me deu calafrios e, tão rápido quanto entrei me tiraram.

Entre o segundo e terceiro ano da universidade é mais ou menos quando começam os processos de reavaliação das bolsas de assistência estudantil. O contato com a minha mãe era motivo de conflito desde sempre então, já ciente do que poderia acontecer, havia tentado me preparar trabalhando. Com o tempo, fui me afastando da capoeira pela necessidade que a natureza do trabalho sem registro ou certezas traz a cada um, bicos complementavam a única fonte de renda possível até aquele momento, sendo mais frequente ter um posto em um restaurante próximo da universidade. Cinquenta ou sessenta reais remuneravam seis horas de trabalho nos maravilhosos finais de semana que tinha, mantendo o curso durante a semana e a subserviência aos finais de semana. Enquanto fazia malabarismo com minha vida para continuar naquele local, precisava encontrar uma alternativa plausível para não rachar física e psicologicamente. Ela veio na forma da corrida.

Alessandro era, até aquele momento, um dos maiores corredores amadores da região de São Carlos, algo que se definia por seu incrível “pace” e suas costumeiras passadas em um ritmo de cinco quilômetros feitos em pouco menos de vinte minutos. Sua fama precedia seu sorriso fácil e positividade. Já tinha fumado cigarros suficientes para saber que vícios, apesar de serem alternativas, privam o indivíduo da sobriedade do próprio espírito. Não importa quantos maços meus finais de semana rendiam, nada mudava aquela situação e, constantemente, ofegar por subir as escadas do restaurante universitário já começava a pesar minha consciência. Aos poucos, uma mudança de hábitos foi se instaurando nos meus dias. Enquanto corria na pista de atletismo da

Universidade, a distância entre aquele sujeito, um corredor de desilusões e as equipes de atletismo aprofundava uma distância do ethos de cada um. Não estava saindo para fazer “cooper”, mas para fugir. Fugir dos meus monstros, fugir das minhas consequências. Fugir de quem tinha sido para tentar alcançar quem poderia ser um dia. Com o tempo, frequentando o departamento de educação física, o “Alê” começou a me convidar para correr nos mesmos horários. Já tínhamos feito alguns treinos e com algum grau de inocência acentuado, fui um dia correr com ele. No intervalo do almoço, ele funcionário administrativo da faculdade, eu aluno do curso, calçávamos nossos tênis e enfrentávamos o inimigo mortal à espreita. No silêncio daqueles paços, o horto Navarro de Andrade, como uma entidade senciente, acompanhava nosso digno sofrimento. Depois de ter andado a distância entre uma cidade e outra, achei que estava preparado para correr dez quilômetros em plena tranquilidade, ledô engano. No primeiro treino que fiz com o “Alê”, tantas partes do meu corpo doíam que me questionei se voltaria a andar normalmente um dia. Aquilo tinha durado uma hora e meia e reorganizado todos os meus padrões de dificuldades físicas. De todas as coisas que posso lembrar do Ale a frase mais desalmada sempre vai ser “só mais um pouco, está chegando”.

Assim continuávamos por mais quatro quilômetros que nunca acabavam. Assim passei do meu primeiro treino, até minha primeira semana e então meu primeiro mês. A corrida tinha dado um sentido à minha vida naquele local, pelo simples motivo de que, vinte minutos depois de ter começado a correr, dia após dia, eu não era mais a mesma pessoa. Não existia mais o aluno, a história, o passado, o futuro. Se você tem força o suficiente para fazer algo além de respirar enquanto corre é porque provavelmente está correndo errado. Meu corpo entendia aquilo e o silêncio abraçava o som de nossos passos como um canto vitoriano. Sem nenhuma palavra, marchávamos naquele ritmo em meio ao perfume de eucaliptos e o sol escaldante. A dor nos tornava iguais, aproximando histórias não contadas, frustrações contadas e questões que ninguém iria compartilhar numa corrida. Corríamos por respostas, perguntas, objetivos, lugares, pessoas. Corríamos para alcançar nós mesmos, enquanto superávamos a dor, fadiga, desilusão. O mérito da atividade física está em colocar para fora tudo que você não consegue suportar da forma mais civilizada possível. Os céus eram a única testemunha que precisávamos, em dias de chuva, a água esfriava o espírito em fúria de cada um. Às

vezes, treinávamos em dois horários no mesmo dia, às vezes, uma meia maratona, simplesmente não importava. Por um semestre, consegui ser e sentir mais do que todo o tempo que passei na universidade, entendendo o que precisava, a pessoa que era e meu papel no meio de tudo aquilo. Não era um universitário, não agia como um, não frequentava os mesmos lugares ou tinha os mesmos pensamentos, mas utilizava aquela ferramenta estrutural para fortalecer minha mente e meu espírito. Nenhum problema era importante demais quando existia o próximo treino, ainda assim, esqueci de um detalhe. Não era universitário, mas precisava do meu vínculo com a universidade para correr e, se o perdesse, perderia todas minhas respostas mais uma vez.

Ainda assim, coisas como aquela aconteciam. Era um dia qualquer, no final de semana, nos preparávamos para uma reunião comemorativa, um dos colegas do grupo de estudo acabara de ter a sua qualificação. O encontro seria em um condomínio próximo da Universidade. Junto com dois amigos, nos dirigimos ao Carrefour para comprar um pouco de carne e cerveja. Contrário a meu vício relacionado a cigarros, nunca fui de beber, então deixei a decisão para meus colegas no dia. Um deles estava curtindo seu momento no mestrado e o outro, era parte do curso de ciências sociais como eu. Três pessoas quaisquer, em um dia qualquer tentando fazer coisas comuns, mas o mundo nos lembra da pior forma possível que nunca seremos comuns. Enquanto tentávamos escolher qual era a melhor cerveja baseada no sabor e na condição financeira de cada um, concentrados no que estava acontecendo, ninguém percebeu como um segurança se aproximou por nossas costas. Inocentemente argumentou como estávamos demorando para escolher as cervejas. Quase como um amigo, estava ali para nos avisar que deveríamos sair o quanto antes. A máscara da violência é sempre gentil no seu primeiro contato, um afago enquanto nos priva da liberdade de fazer até as coisas mais simples. Compramos nossa cerveja, bebemos naquele dia pensando como tudo aquilo não nos pertencia. Ninguém comentou, no fundo, cada um ali sabia como cada um tinha chegado no lugar em que estava, o preço que cada um pagou não podia ser medido pelo resultado ou distância, e aquele era só mais um dia, mais um caso qualquer de racismo que ninguém ligaria. Assim como, tende a chave do departamento de educação física, fui interpelado por um segurança ao entrar. Curiosamente, este havia comentado sobre as “saidinhas”, então referentes ao dia dos pais. Na hora não entendi, a

gente nunca entende de imediato o que está acontecendo. Eu não entendi quando pediram minha carteirinha para passar pela cancela. Não entendi quando me acusaram de observar os clientes do mercado para roubar uma bolsa quando só sai para comprar pão. Não entendi... nunca entendi como o mundo pode guardar tanto ódio de pessoas que só estão tentando viver suas vidas normalmente, passando pelos seus sofrimentos, às vezes sem querer incomodar ninguém, mas sabia como, formado ou não, renda não mudaria por si só a forma como as pessoas me olhariam. E ainda que isso não fosse fundamental para a minha tomada de decisões no futuro, quando se é culpado antes mesmo do processo, você começa a ter medo de tudo e de todos. Especialmente quando alguns têm poder de tirar tudo o que você é com uma caneta.

Quando a assistente social perguntou como me mantinha na universidade sem ajuda, a situação já era prelúdio do próximo desastre. Minha experiência com burocratas já tinha se demonstrado suficientemente traumatizante quando fui tolhido de forma concisa no curso de filosofia. Me imaginando ter perdido tudo uma vez, achei que um raio não cairia no mesmo lugar. Pois bem, estava errado. Quando vi a mesma assistente social que tinha julgado minha vaga no curso de filosofia, deduzi qual seria a pior coisa que ela poderia tirar. Dessa vez, pelo menos, foram só as bolsas de assistência estudantil. No desespero de encontrar uma resposta a tudo o que acontecia, tentei conseguir uma comprovação do trabalho que já estava fazendo há um ano, mas a burocracia não tem sentimentos. Perdi o emprego, por tentar conseguir um documento que comprovava meu trabalho e as bolsas, por não ter um documento que comprovasse minha condição. Era um dependente da minha mãe sem conversar com ela há quase dois anos. Mesmo entregando todos os documentos, meus, dela e as coisas que precisava para comprovar que só me mantinha com o dinheiro do trabalho ao final de semana, não era o suficiente. O mais importante deixou a desejar, nesse caso, humanidade por causa de um pedaço de papel assinado. Talvez a falta de idoneidade do meu histórico na moradia tenha ajudado com isso, talvez acolher estudantes sem bolsa tenha me prejudicado. Dar um local para eles morarem era o que poderia fazer, assim como me deram quando precisei, mas tudo tem um preço e parecia que minha fama de mal exemplo argumentava contrário a minhas necessidades. O caráter intimista e igualitário nunca existiu na moradia da UFSCar, sabia desde muito como cada um se

preocupava com os próprios problemas. Prédios maiores, cursos diferentes e necessidades ligadas especialmente à sobrevivência não permutavam julgamento. O que quer que viesse a acontecer, era consequência, seja das ações ou da falta delas, e assim foi.

Quando fui acolhido por um colega de curso, pensava seriamente no que poderia acontecer dali em diante. Me manter em São Carlos em um curso integral, sem emprego e sem possibilidades do que fazer em relação ao futuro traziam uma dura realidade a porta que nem sequer era minha. Lembro de ter passado aquele final de ano servindo pratos luxuosos a outras pessoas enquanto não tinha o que comer direito. Um conjunto de kit nets vazias é mais assustador do que parece, não pela ausência das pessoas em si, mas pelos fantasmas que assombram cada momento de solidão. Não existem muitos motivos para comemorar, sem ceia nem final feliz, Papai Noel me trouxe de presente desilusão e desesperança aquele ano. Quando fui impelido a sair dali, já me sentia enjoado de tudo que tinha acontecido. Em vão, jurei nunca mais precisar da assistência daquele grupo de pessoas. Quando fiz minha mala, tinha roupas que acumularam no meu primeiro ano da faculdade. Roupas demais para caber em uma mala. Junto a isso, tinha coisas de mais para carregar, considerando como nunca tive uma casa. Naquele dia, deixei meu berimbau na lixeira, assim como a capoeira e todo o esforço feito para me manter ali. Não conseguia juntar tudo e levar, nem tinha lugar direito para colocar. Não esperava sair da moradia quase caçado, expurgado pela burocracia e indefensável pelos meus. Quando fiz minha mala, tive que tomar algumas decisões. Não poderia carregar uma biblioteca inteira comigo, provavelmente, o único benefício de trabalhar no final de semana havia de ser esse, comprar livros. Exemplares que passei meses juntando dinheiro para comprar não significavam mais nada. Horas lendo sozinho em silêncio doíam no meu coração porque parecia que meu último refúgio estava sendo espancado pela realidade. Separei as roupas que precisava, as principais, joguei fora o máximo de coisas que consegui para poder carregar mais livros comigo. Entre camisas e cuecas, tudo que tinha lido solidificara na minha memória não pelas minhas primorosas escolhas, mas por todos os momentos que passei entre aquelas páginas. Singelas, com suas cores embranquecidas, amarronzadas, rasgadas ou molhadas. Já foram recursos do meu desespero e naquele momento precisei abandonar a maioria

deles. Perdidos, nunca puderam voltar para minhas mãos. Ficou na memória os incensos que queimei, os cigarros que fumei e os sentimentos de companhia, abraçado por amigos literários. Aquela quitinete, com moveis embutidos, ralo do banheiro entupido e cheiro de esgoto aos finais de semana, proporcionou os melhores momentos de reclusão que já tive na vida.

Sem muitas alternativas, tentei ficar na casa da minha mãe por um tempo. As coisas aparentavam estar melhores, mas no final, foi só mais uma fonte de conflito se estendendo por mais um motivo qualquer. Um dos amigos que me acolheram na Unesp em Rio Claro, quatro ou cinco anos antes, me convidara para morar com ele em São Paulo. Cidade grande e confusa, tal qual minha vida. Já na pandemia, precisava tomar todos os cuidados para cuidar da senhora mãe dele. Cozinávamos, conversando e tentando nos distrair com coisas simples. Cada dia era uma luta contra o tédio e, morando de favor novamente, a falta de caminhos. Com a possibilidade de fazer o curso a distância, pelo menos conseguiria ocupar minha cabeça com algo, ainda que me faltasse quase todo o resto. Tinha o que comer, tinha onde morar, mas sabia por experiência que também tinha prazo para sair dali. Enquanto os meses passavam, pensava na diferença de tratamento familiar. Permanecer no seio de outras vivências era como exacerbar uma ferida aguda. Qualquer que seja o significado de “família” sabia que não era aquilo que tinha e, não importa quanto tempo passasse, não conseguiria mudar isso.

“Xó fala pro”ce

Tudo, tudo vai, tudo é fase irmão

Logo mais vamo arrebentar no mundão

De cordão de elite, 18 quilates

Põe no pulso logo um Breitling

Que tal? Tá bom?

De lupa Baush & Lomb, bombeta branco e vinho

Champagne para o ar que é para abrir nossos caminhos

Pobre é o diabo, eu odeio ostentação

Pode rir, ri, mas não desacredita não
É só questão de tempo, o fim do sofrimento
Um brinde pros guerreiro, zé povinho eu lamento
Vermes que só faz peso na terra
Tira o zóio
Tira o zóio, vê se me erra
Eu durmo pronto pra guerra
E eu não era assim, eu tenho ódio
E sei o que é mau pra mim
Fazer o que se é assim
Vida loka cabulosa
O cheiro é de pólvora
E eu prefiro rosas
E eu que, eu que
Sempre quis com um lugar,
Gramado e limpo, assim, verde como o mar
Cercas brancas, uma seringueira com balança
Disbicando pipa, cercado de criança
(racionais mc's, 1994)

Em reclusão devido à pandemia, existiam poucas alternativas para manusear problemas psicológicos, curso e desesperanças. Lembrei de um dia como, ao ver uma matéria de jornal, um relato de um sujeito em cárcere privado argumentando sobre liberdade me impactou. Até então, tudo o que ele poderia fazer era caminhar na própria cela, e mesmo assim, dentro dessas condições, argumentava sobre a liberdade do seu próprio corpo e beleza do céu nos momentos em que tomava banho de sol. Como pássaros cantavam através das grades e relatavam com suas asas e imaginação, outros tempos, diferentes daquele momento, daquele espaço. Ciente das minhas poucas oportunidades do que fazer e para onde ir, comecei a treinar em casa, inspirado em

rotinas de exercícios de presídios americanos. Flexões e agachamentos constituíam um momento à parte do meu dia. Enquanto a pandemia acontecia lá fora, estava trancado com meus próprios desesperos e tinha dado uma boa resposta para cada um deles. A dor de tensionar os seus músculos de modo que não tenha mais para onde ir além daquele momento se provou uma fonte de vitalidade, uma busca por paz e tranquilidade em meio à guerra acontecendo dentro e fora da minha cabeça. O maravilhoso em rotinas é a capacidade de saber, independente do que aconteça, como vai ter outro dia para acordar e fazer aquilo que está acostumado, desempenhando minimamente sua própria fórmula da paz. Essa verdade, tipicamente reclusa e extraída de conversas e experiências em penitenciárias me dava um lugar para exercer algum controle sobre os dias, semanas e meses em que fiquei perdido. Um ano foi o tempo que consegui passar em São Paulo. A essa altura, as vacinas já tinham diminuído consideravelmente o risco que a pandemia oferecia as pessoas. Mesmo sendo uma dúvida geral, pairando sobre a população, a verdade é que quem nunca teve alternativa não iria deixar de trabalhar, independente da pandemia. Aos que tiveram o privilégio de conseguir passar por isso incólumes, é meritório, mas para todo o resto, foi infernal.

Morar de favor, por melhores que sejam as possibilidades de convivência, sempre implicam em conflitos e depois de um ano, já estava cansado de tudo aquilo. Por melhores que sejam as pessoas, os amigos, a família, é muito difícil não estar deslocado na casa dos outros e provavelmente nunca senti que tinha um lugar que fosse meu para habitar. Estendi o máximo que consegui a ajuda que poderiam ter me dado, mas tudo tem um fim em algum momento, então agradei e tentei voltar a ter contato com minha mãe. Continuava morando sozinha, no mesmo lugar, com os mesmos problemas e levando a mesma vida. Não achava mais que algo iria mudar e esperança não era minha palavra preferida. A justificava para conseguir voltar foi passar um tempo até encontrar outro local para morar. Eu não era bem-vindo ali. Eu não era bem-vindo em lugar nenhum, mas precisava encontrar alternativas para continuar estudando, mesmo que para isso, continuasse ouvindo ofensas de uma convivência complicada. Quem quer que tenha tido a necessidade de estudar e trabalhar sabe o quanto o dinheiro influencia no status de “aluno”. Livros, no limite, não pagam as contas.

Enquanto morava com minha mãe, surgiu a oportunidade de participar de um projeto de extensão na universidade envolvendo mecânica de bicicletas. Até aquele momento, embora, com muito esforço, tivesse comprado uma Caloi 10 antiga, a sensação de andar nela, ainda que maravilhosa, nunca tinha sido levada tão a sério. Com o início da abertura da universidade, a volta as aulas presenciais ofereceram uma oportunidade de ganhar algum dinheiro, mas para isso, precisava me responsabilizar por uma bicicletaria praticamente sozinho. Precisava me deslocar de Rio Claro para São Carlos algumas vezes na semana, reduzindo minha bolsa pela metade com os custos de transporte. Na época, o dinheiro que ganhei mal dava para conseguir fazer minhas coisas direito e estava constantemente cansado por tentar, mais uma vez, equilibrar mil e uma atividades ao mesmo tempo. Comecei a me dedicar seriamente ao assunto das bicicletas. Com o tempo, entendi como aquele objeto não era uma mera união de peças avulsas, tal qual outros meios de condução. Automóveis, no geral, privam o indivíduo de entender o que está acontecendo entre os pneus, o capô e o motorista. Motores tornam nossas necessidades facilitadas pelo benefício de ir e vir mais longe e mais rápido. Bicicletas, não. Tipicamente, existem os ciclistas diários, de finais de semana, competidores e viajantes. Os primeiros dependem do equipamento comumente por uma necessidade regulada pela distância que conseguem fazer para chegar do ponto a ao ponto b. Os segundos, por usarem a bike aos finais de semana, tendem a ter mais tempo e dinheiro para investir no que aqui já se constitui um hobby. Terceirizam os problemas de seu equipamento para outras pessoas e, com zero paixão, definem a bicicleta como um meio para chegar a um fim, podendo ser prazer, status ou a felicidade de apenas andar de bike. Os terceiros, já mais aventureiros, costumam andar distâncias que variam entre cinquenta quilômetros a oitenta, podendo ser ciclistas de estrada ou de trilha. E os últimos, a categoria mais elitizada, contrário ao intuitivo, utilizam a bike para viajar entre cidades, estados e países diferentes, ainda que, comumente, deixem de lado os valores envolvidos nesses projetos. Conhecendo essa multiplicidade de bikes, consequentemente, pessoas, desejos e afins, precisava me relacionar com aquele objeto, aquela alma sintetizada em pedaços de aço, ferro ou carbono.

Um majestoso pé de citronela cumprimentava minha chegada. Aquele cômodo perdido era resultado de uma alteração realizada na esfera do departamento de educação

física onde, outrora, abrigavam ali milhares de bambus, tucanos e uma diversidade de pássaros que davam vida ao espaço. Porém, um estacionamento era mais importante. Dito isso, aquela bicicletaria de tijolos avermelhados assemelhava-se a um cemitério quando entrei pela primeira vez. Os cadáveres estavam expostos, pendurados na parede, sujos de poeira e graxa. Catracas, correntes, câmeras de ar, parafusos, remendos, fios e freios estavam expostos em um cenário com semelhanças a um crime, implorando por seus momentos finais. Cada pessoa que já tinha montado naquelas bicicletas era uma memória distante, se encontrando ali essencialmente o que restou dos dias felizes, onde o sol brilhava naquelas catracas. A função daqueles objetos estava perdida na necessidade de manutenção hercúlea que precisaria ser feito para colocar tudo em funcionamento. Então me levantei bravamente e fui sujar minhas mãos de graxa, operando cada enfermo como um doente. Mesmo sem saber minimamente o que estava fazendo ali.

Ainda na pandemia, começava a trabalhar mais cedo tentando me preparar para o momento em que a universidade iria voltar a funcionar presencialmente. O projeto em questão atendia ao público universitário, se focando em empréstimos de bike para alunos e funcionários e manutenção para o público comum. Desse modo, precisava entregar em dois meses pelo menos dez bicicletas funcionando em perfeita condição, com o número ideal sendo quinze. Minha postura tinha pouco a ver com mecânica e mais com enfermagem e medicina, talvez bruxaria dependendo do dia. Com café preto e amargo, tentava dar meu melhor, orientado pelo youtube e curiosidade. Confesso que meu prazer por aqueles dias é praticamente indescritível, não por ter conseguido cumprir o que me fora pedido, longe disso. Estava feliz só por estar ali. Passara uma semana tentando exorcizar a poeira daquele lugar com tudo que era possível. Minha batalha espiritual, felizmente, dera bom resultado. Quando terminei de utilizar a vassoura e bati naquele lugar com espada de São Jorge, minha fé havia sido renovada. Pássaros cantavam lá fora e o ar que entrava era rejuvenescedor. Finalmente poderia começar a trabalhar.

Bicicletas não são um aglomerado de peças avulsas formando um mecanismo para tornar o corpo mais confortável no seu ato de existir. Elas quebram, seus pneus furam, suas peças enferrujam e o trânsito comumente é um inimigo cruel de qualquer

peessoa que ouse ocupar menos espaço. Nenhum meio de defesa está disponível ao ciclista e, no máximo, o que consegue fazer é desviar do perigo quando mantendo atenção. Para isso, uma boa harmonia entre as peças e o ciclista é fundamental, pelo simples motivo de que seu corpo, se chocado com qualquer automóvel, tende a acumular as consequências mais desastrosas. Costelas, braços e articulações podem ser, no melhor dos casos, os primeiros feridos. Dito isso, a mecânica de bike não é, por experiência, um movimento simples de apertar e soltar botões. Um carro ou uma moto, ao perder o freio em uma curva, pode facilmente tirar a vida do condutor. Já para uma bike, isso acontece de forma muito mais simples. Um freio mal ajustado, uma peça com o diâmetro errado ou um disco com problemas, quando parafusado ao cubo, em uma avenida movimentada, retém o mesmo perigo, ainda que as pessoas o ignorem. Quando comecei a colocar as mãos na mecânica de bicicletas, tudo isso passou pela minha cabeça pela minha utilização da mesma quase desde os dez anos de idade. Manuais de montagem demonstravam minha preocupação em entender o torque correto para apertar cada parafuso e, no limite do meu conhecimento, tentei entregar o serviço limpo e apresentável. Mecânica era uma terapia, uma em especial que não aceita desaforos. Ciclismo, por si só, é a arte da suavidade. Entender os procedimentos que envolvem a desmontagem e montagem de peças era procurar um estado de espírito unificado com a prática em questão, e esse estado implicava controlar minha ansiedade, seja diante os prazos para entregar as bikes funcionando, seja diante a dúvida de ter capacidade para realizar aquele projeto. A simplicidade de um quadro, duas rodas e um conjunto de transmissão, não é algo a ser encarado apenas com lógica. Nem sempre o exercício de contemplar um manual técnico vai, necessariamente, resultar em um bom entendimento sobre a disposição correta das peças. Às vezes, sentimentos são mais importantes do que ferramentas, seja ao trocar uma câmara de ar, seja desmontando o quadro do primeiro ao último parafuso. Ainda assim, lá estava eu gastando meses da minha vida turbulenta tentando entender o procedimento correto para conseguir o melhor resultado possível diante do que tinha até o momento. Tentava tocar, sentir, olhar, escutar e deduzir quais erros estava cometendo na medida em que subia e descia de bike após bike. Qual corrente estava larga, qual movimento central precisava ser trocado, quantos pneus

precisava de remendo e quais os lugares estavam com problemas. Freios mal ajustados, passadores de marcha e pé de vela consistiam em minhas experiências e preocupações.

Com o tempo e esforço, fui adquirindo algumas habilidades relacionadas a mecânica e, para além disso, capacidade de ser metódico e disciplinado, controlado em situações onde as respostas não apareciam, às vezes por dias ou semanas a fio. A consciência é algo que vem através das falhas constantes e errei muito, não só na mecânica de bicicletas como na vida. O ajuste fino, como chamamos ao terminar o trabalho, só pode ser feito depois que tudo acontece. Depois da lama, estrada, asfalto, dias ensolarados ou dias chuvosos, resistindo às intempéries do espaço, pedalando por qualquer que seja o motivo. Bicicletas são objetos que trabalham com o corpo humano, um tipo de mecanismo que depende das suas forças e capacidades fisiológicas como também emocionais. O quão longe você consegue ir em um dia ruim? Quantos quilômetros precisa para esquecer os problemas? Às vezes não temos resposta para cada uma de nossas perguntas, ainda assim, o ato de pedalar revela algo puro nesse esforço contínuo. As bikes revelam algo puro do nosso espírito em cada pedalada porque na ladeira, ao subir, cada um precisa de um pouco mais de esforço, mesmo quando alguma ladeira simplesmente não tem fim. Colocar tudo isso em harmonia é como dispor de uma ferramenta ajustada a cada necessidade. Cada peça cumpre um papel nessa ecologia de ser, mesmo quando indiferente a todas as reflexões possíveis, ponto de chegada e partida. Boas pernas não formam bons ciclistas. Boas bicicletas não formam bons ciclistas. Amor pelo que está fazendo, sim. Suor pode escorrer como sangue para definir quem você é, tal qual sensações infindáveis atingem qualquer pessoa depois de um dia cansado ao subir em uma bike. Aquele pai de família, mãe ou filho, no seu trajeto diário, tem uma conexão com a cidade por conviverem com cada buraco de forma diferente. Cada caco de vidro quebrado pelo caminho é uma ferida a mais no pneu. Essas pessoas estão intrinsecamente ligadas aquele objeto com tamanha intensidade que as vezes atravessam gerações da família. Bicicletas às vezes tem nome e sobrenome, incluindo seguro de vida. Uma alma a zelar como um amigo escutando seus dias ruins ou aproveitando contigo os bons.

Ainda assim, meus dias um pouco mais calmos precisavam ter fim. Diante da possibilidade de ter outro emprego, pagando um pouco melhor, acabei desistindo de

continuar trabalhando na bicicletaria. Enquanto morava na casa da minha mãe, sempre antecipei o pior. O desconforto de uma convivência tempestuosa mostrava sinais de como, em algum momento, precisaria sair dali. Uma das primeiras oportunidades de emprego que apareceu foi em um bar, aos finais de semana. Quatro anos se passaram, locais diferentes, pessoas diferentes, mas o salário era igual. Parecia que todo meu esforço só tinha rendido em perdas. Já estava cansado demais para continuar com tudo isso. A vida tinha me mudado de forma indelével. Já estava mais perto dos trinta do que dos vinte, sem esperança de mudar o mundo ou mesmo a necessidade. Entendia, já muito antes, como os alunos do meu curso ao final eram tão diferentes daqueles do começo. Sem uma perspectiva realista de emprego o diploma parecia um consolo amargo para toda minha história. Quase uma década se esforçando por algo sem sentido. Minha segunda oportunidade de emprego veio confrontar isso. Ética já não era algo mais que me importasse e valores, os tinha perdido em meio à fome. Quando fui convidado a trabalhar de segurança privado, parecia que o destino estivesse me pregando uma peça cruel. Meu currículo havia girado para ser lixeiro e não tinha conseguido o emprego. Trabalhar de segurança, então, era tudo que me restava. O mesmo cara que tinha entrado em atrito com a polícia, instituições e representações de poder se encontrava sentado em uma máquina sem teto, madrugadas a fio, tentando garantir o salário. Entendia porque meus colegas de trabalho fumavam e alguns, não raro, passavam a noite bêbados.

O frio é cruel com pessoas e pensamentos. No silêncio da noite, nossos pesadelos são nossa maior companhia. Todas as coisas que foram ditas, todas as ações feitas, voltam vez após vez para torturarem cada escolha. O cansaço é um inimigo traiçoeiro dessa profissão. Você nunca sabe o que pode acontecer em seguida, e qualquer coisa que aconteça causa profundo terror. Sombras anuviam a visão das melhores almas depois das três horas da manhã. Passei noites em temperaturas que rivalizavam com países nórdicos enquanto tentava desbravar meus próprios desesperos. Sem luz, companhia ou calor humano, só as estrelas e a lua eram testemunha das minhas dificuldades. Uma bicicleta voltava a ser minha companheira fiel enquanto andava dez, quinze quilômetros para poder trabalhar. Às vezes passava duas, três dias sem dormir, momento em que comecei a acumular mais ainda reprovos no curso.

Mesmo à distância, tudo aquilo era muito difícil para continuar. Por mais que tentasse, parecia que esforço estava em posição inversa a minhas conquistas e as maiores vitórias que tive não me traziam mais conforto. Com o tempo, tudo isso desabou em uma discussão em casa. O problema de quanto mais tempo você passa sem dormir é que vai, aos poucos, perdendo o controle. Conforme se deixa levar pelas condições e necessidades, deixa de ter a capacidade de se manter acordado quando precisa e dormindo quando deveria. A intensidade de tantos dias ruins começava e desbocava em pesadelos cada vez mais assombrosos. O pior de tudo isso era ver que meus sonhos estavam morrendo aos poucos. Me sentia perdido, sem um destino definido, cantaria meus louros na rua pedindo esmola.

Alguns meses se passaram nessas condições até tudo ter se tornado insustentável. Mais uma vez, precisava sair de casa com uma mala na mão e todas as derrotas nas costas. Dessa vez, pelo menos tinha emprego para me sustentar. O problema era que o salário parecia um acordo informal com o Diabo. Em troca de quatorze horas das minhas noites, pagava todas minhas contas e deixava corpo e alma à mercê de pensamentos ruins, na sombra ditatorial das necessidades. Mal conseguia estudar. Mal conseguia viver. Ainda assim, continuei. Derrotado, fui em busca das melhores alternativas que pude encontrar para aliviar a cabeça e, em uma piscina, encontrei a paz que precisava. Já havia praticado muitas atividades físicas, já havia lutado, sido ameaçado de morte por capoeiras e ganhado campeonatos de jiu-jitsu. Já tinha encontrado diversas respostas para diversos problemas, correndo ou andando de bike... mas a água tem um abraço fraternal, frio e realista. Em dias normais, sem aquecimento, pular dentro da piscina é um choque de realidade e hipotermia, mas era o que precisava para me manter bem. Meu corpo já ultrapassara todos os extremos e começava a dar sinais de falha. Às vezes desligava, apagava sentado por mero cansaço, mas nunca desisti. Já coloquei minha toca e óculos com os olhos ardendo, mal conseguindo abri-los. E cada vez que mergulhava, toda a bagunça deixava de existir. O fluxo de pensamentos era interrompido pelo som da água em um nado mal feito. Poderia me afogar quantas vezes fosse preciso, mas finalmente, havia encontrado minha resposta, do que queria fazer, para onde queria ir e como queria chegar. No limite, já havia aberto mão de tudo para continuar.

Choro e correria no saguão do hospital

Dia das criança, feriado e luto final

Sangue e agonia entra pelo corredor, ele tá vivo pelo amor de deus doutor

4 tiros do pescoço pra cima, puta que pariu a chance é mínima

Aqui fora, revolta e dor, lá dentro estado desesperador

Eu percebi quem eu sou realmente, quando eu ouvi o meu sub-consciente:

E ai mano brown cuzao? Cade você? Seu mano ta morrendo o que você vai fazer?

Pode crê, eu me senti inútil, eu me senti pequeno

Mais um cuzão vingativo

Puta desespero, não dá pra acreditar, que pesadelo, eu quero acordar

Não dá, não deu, não daria de jeito nenhum

O Derley era só mais um rapaz comum

Dali a poucos minutos mais uma dona maria de luto

Na parede o sinal da cruz, que porra é essa? Que mundo é esse, onde tá Jesus?

(...)

2 de novembro era finados, eu parei em frente ao São Luíz do outro lado

E durante meia hora olhei um por um e o que todas as senhoras tinham em comum:

Roupa humilde, a pele escura, o rosto abatido pela vida dura

Colocando flores sobre a sepultura

(podia ser a minha mãe)

Que loucura

(racionais mc's, 1994)

Referências:

RACIONAIS MC'S. Vida loka parte 1. São Paulo: Cosa Nostra: 2002. 01:47:19.

RACIONAIS MC'S. Vida loka parte 2. São Paulo: Cosa Nostra: 2002. 01:47:19.

RACIONAIS MC'S. Fórmula Mágica da Paz. São Paulo: Cosa Nostra. 1997. 01:10:27.